

# **Desmitificação e incorporação do jogo de badminton nas aulas de educação física escolar das séries finais do ensino fundamental**

Prof. Esp. Diego Pinto Jabois

E.M. Harry- Forssell / Itanhaém - SP

Resumo:

No começo do ano letivo de 2013, início da abordagem, na “E.M. Harry Forssell”, em Itanhaém, estado de São Paulo, foi apresentado, nas aulas de educação física, o jogo de badminton aos alunos dos 8ºs e 9ºs anos (antigas 7ª e 8ª séries do ensino fundamental). Tal decisão tomada graças à preocupação com a “indisponibilidade corporal” dos educandos (as) durante as aulas e frente à necessidade de contemplar novas práticas corporais, após breve mapeamento envolvendo os “esportes com bastão”. Desde então, muitas ações direcionadas à modalidade vem ganhando espaço nos discursos e nas competências desenvolvidas pelos alunos (as), o que tem se notado de grande relevância, no cenário escolar. No sentido investigativo, ligado à cultura corporal de movimento, o badminton tem assumido um lugar definitivo no pátio da escola e nos conteúdos desenvolvidos dentro do plano de ensino, acerca das implicações e desdobramentos pedagógico presentes no currículo, que tem na ocasião apresentada tal modalidade como centro dos questionamentos. Tem contribuído, inclusive, para a formação identitária de seus membros por intermédio de um currículo sensível a sua contemporaneidade em meio à diversidade cultural convivente. Hoje, essa realidade *incorporada* na escola ganha cada vez mais espaço no discurso corporal e nas ações desenvolvidas no currículo da educação física, desmitificando seu conceito e revelando com a prática oportunidades ricas de ampliação dentro e fora da escola para além das habilidades físicas e cognitivas, técnicas e táticas necessárias e inerentes à prática *especializada* da modalidade, distante dessa abordagem, já que não se propõe à formação de atletas nesse contexto.

Palavras chave: Badminton; Currículo; Educação Física Escolar

Objetivos:

Ao desenvolver esse trabalho na escola, os objetivos curriculares principais estavam relacionados à desmitificação da modalidade e ampliação do repertório motor e cognitivo (incorporação) no que diz respeito à prática dos “jogos com bastão” (em especial o badminton) previsto nos principais referências da disciplina (PCNs, BNCC, Propostas e Orientações Curriculares, etc.) dialogando, inclusive, com a realidade escolar e a possibilidade de inclusão prática, mesmo que recreativa, de seus praticantes em momentos de lazer e reconhecimento de práticas alternativas. Dessa maneira fornecendo elementos críticos e investigativos para ampliação dentro e fora da escola a prática do jogo de badminton vem contribuindo de forma moderada nas formações identitárias sensíveis e democráticas (necessárias nos bancos escolares contemporâneos).

#### Metodologia:

Esse trabalho foi devolvido com educandos dos 8º e 9º anos durante as aulas de educação física, que integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica, como previsto na LDB.

*LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a Lei 9394/96, também é conhecida como Lei Darcy Ribeiro. É a mais importante lei do sistema educacional, pois traz as diretrizes gerais da educação brasileira, seja ela pública ou privada (Carneiro, 2011).*

Durante a vivência prática dos alunos (as) envolvendo o badminton na escola, o reconhecimento dos materiais, por parte dos educandos, e o desenvolvimento dos conceitos ligados ao jogo de badminton (histórico, regras, curiosidades etc.) foi de grande valor metodológico para o início da abordagem, pois muitos dos educandos (as) desconheciam a modalidade por completo.

A prática do badminton recreativo consiste em rebater uma peteca (volante) com o auxílio de uma raquete específica de forma a projetar uma espécie de parábola facilitando a devolução do parceiro e assim sucessivamente.

*Existem dois tipos peso de petecas, as tradicionais, feitas com penas de ganso e as sintéticas, feitas de nylon. Ambas possuem bases esféricas feitas de cortiça ou poliuretano, contendo um pequeno de chumbo, sem o qual a peteca seria muito leve para percorrer as distâncias necessárias (FEBASP, 2013).*

Já o jogo de badminton olímpico competitivo (parte da referência apresentada aos alunos) **não** obedece a essa lógica. Ao contrário do recreativo (desenvolvido nessa abordagem) o objeto é fazer a peteca tocar o solo adversário dentro de um espaço específico atendendo aos requisitos técnicos e táticos necessários para seu desenvolvimento. O badminton olímpico pode ser disputado em duplas mistas, masculinas e femininas ou individuais (masculino e feminino) também conhecido como jogo de simples. Dessa vivência dúvidas e questionamentos foram aparecendo e o interesse em aprofundar o conhecimento da modalidade foi aumentando entre os educandos (as), pois o badminton possui um caráter democrático presente na sua prática (facilidade) estimulando quase a totalidade dos alunos (as) envolvidos.

Diferente de outras modalidades historicamente dominante nos currículos da educação física escolar na perspectiva esportista, presente de forma pontual nos dias atuais, a partir da década de 70 (futebol, vôlei, basquete etc.) o badminton **não** apresenta características parecidas uma vez que mesmo disputado em duplas (inclusive mistas) a individualidade e segurança (contato) na zona de conforto dos praticantes parece agradar boa parte dos alunos (as) quando apresentados aos seus códigos iniciais mesmo que recreativos.

*A perspectiva esportista, também denominada de tradicional, tecnicista, competitivista, e até mecanicista, se constituiu em uma visão predominante da Educação Física nas décadas de 1970, 1980 e 1990, e não podemos negar que ela é ainda bastante presente nos dias atuais (Darido, 2003).*

Grande parte da vivência proposta foi direcionada para principal característica da modalidade que consiste na rebatida e no posicionamento consciente do jogador (a). Foram desenvolvidos diversos desafios e brincadeiras utilizando baldes, cones, raquetes, elásticos, petecas, dentre outros materiais. Redes adaptadas com elásticos na altura média (sugerida para prática regular do jogo de badminton com altura em torno de 1,55m) onde a finalidade principal estava presente na rebatida da raquete na peteca, projetando-a por cima do elástico sem encosta-la, objetivando que os colegas, do lado apostado do elástico, literalmente **não** deixassem a peteca cair (de forma recreativa sem a delimitação olímpica).

Muitos foram os momentos em que alguns alunos (as) apresentaram dificuldades em sacar e/ou simplesmente rebater, pois as raquetes de badminton

possuem características físicas peculiares como cabo longo e “cabeça” pequena, exigindo dos alunos (as) envolvidos atenção para aplicação dos fundamentos básicos durante a vivência.

*A raquete é, sem dúvida, o principal equipamento do badminton, sendo sua escolha muito importante para um bom desempenho nas quadras. Elas variam de 85 à 110 gramas em peso (FEBASP, 2013).*

Após diversas intenções e intervenções, concentradas até o momento, em deslocamentos simples, saques e rebatidas, os alunos (as) foram ficando nitidamente mais habilidosos atentos e motivados, ao ponto de formar duplas naturalmente (grande parte delas mistas compostas por meninos e meninas) para vivência de jogos e desafios. Um deles (jogos) é o acerto de petecas no “balde” (utilizado como meta para melhorar o controle do saque elemento do jogo) onde a distância média é de 2,5m que separa o ponto inicial do saque no balde onde a peteca deve ser colocada exclusivamente com o fundamento (golpe) correto do elemento saque.

*A maioria dos golpes no badminton usa toda extensão do braço para alcançar a peteca. Trabalho de pernas - é o mais importante fator para posicionar o corpo de forma a dar um golpe correto. Golpes de **forehand** e **backhand** devem ser feitos com o pé direito à frente. Todos os golpes altos de forehand devem ser feitos com o pé esquerdo à frente. Os golpes altos de backhand devem ser feitos com o pé direito à frente (FEBASP, 2013).*

Vence a equipe que conseguir converter o maior número de petecas possíveis dentro do balde respeitando um determinado tempo (estabelecido pelos mesmos), sempre em ação concentrada, pois requer uma habilidade segura e precisa para execução da tarefa (desafio) presente no jogo.

*Poucos esportes requerem tanta **ação concentrada** como o badminton. Para se ter uma ideia, no tênis a bola fica em jogo durante 8% do tempo e no futebol americano, das duas horas de duração da partida, a bola fica em jogo apenas 14 minutos. No Badminton a peteca fica em jogo 45% do tempo total (FEBASP, 2013)*

A construção de muitos jogos (desafios), nessa etapa, está partindo dos próprios alunos (as) envolvidos. Nesse momento temos duplas que disputam partidas com contagem regular de pontos, pois em exercícios anteriores (expositivos) foram

disponibilizadas informação sobre o histórico do badminton, origem da modalidade, dimensões da quadra, código de pontuações, duração das partidas, variações de raquetes e empunhaduras (maneira de segurar a raquete) dentre outras informações específicas presente no jogo de badminton olímpico que, mesmo distante da prática recreativa executada na escola, se firmou como referência no processo de ampliação e desmitificação gerando diversos questionamentos. Muitos dos questionamentos estavam direcionados a sua prática fora do contexto olímpico e profissional da modalidade. Dessa maneira os alunos (as) identificaram o caráter recreativo, lúdico e democrático da prática do jogo de badminton nas aulas de educação física, antes distante da realidade escolar e compreendido como pertencente, exclusivamente, a determinados grupos sociais e culturais (ricos, asiáticos, profissionais do esporte etc.) e para uma pequena parcela dos alunos envolvidos prática pertencente ao gênero feminino, sendo a peteca algo “delicado” no contexto da modalidade (na opinião de alguns).

#### Avaliação:

O processo avaliativo dos alunos (as) nessa abordagem pedagógica, até o momento, encontra-se em desenvolvimento e ampliação, uma vez que teoria e prática (práxis) se mostraram diretamente ligadas aos objetivos iniciais e produtivas para ocasião favorecendo o aprendizado necessário e servindo de referência curricular para novas turmas.

Turmas essas que se apresentam sensíveis às modificações dos elementos contidos nos textos culturais apresentados através da abordagem de novos conteúdos, além disso, alunos dos 8º e 9º ano (média de 13 e 14 anos) possuem por natureza etária condições de protagonizarem os “cenários” (desenvolvimento curricular) com facilidade e autonomia, uma vez devidamente estimulados e orientados.

O ponto forte da avaliação (produção material) até o momento, além de maquetes e cartazes, contidos nos seminários, que antecederam o estudo do jogo de badminton, como forma de estimular a abordagem, constitui-se principalmente na produção de relatos de experiência e avaliações teóricas formativas nos quais os alunos (as) textualizam suas dificuldades, opiniões, questionamentos e/ou expectativas futuras relacionadas à prática do jogo de badminton na escola.

Nesses relatos tive a oportunidade de avaliar como essas experiências foram percebidas e *incorporadas* dentro da perspectiva da cultura corporal de movimento pelos alunos (as) de forma significativa estimulando projetos de adaptações futuras para ampliação da prática dessa modalidade, tais como: pinturas de quadras em medidas oficiais (13,40 x 6,10), instalações de mecanismos permanentes na montagem de redes (confeccionada para a prática específica do badminton), aquisição de equipamentos (raquetes e petecas) dentre outros, promovendo um entusiasmo ainda maior nos educandos quando o assunto é badminton nas aulas de educação física (retomando a disponibilidade corporal para atividades físicas intencionais e diversificadas dos educandos).

*Tenho certeza que frequentar a escola é para muitos a grande oportunidade de entrar em contato com o “novo” sem perder a referência de suas origens na comunidade, pois é nela e com esse “diálogo” que construímos práticas e reforçamos comportamentos éticos de convivência e respeito às diversidades contribuindo nas formações identitárias de seus elementos. O badminton, em minha opinião, trouxe para os alunos (as), na maioria carente, uma prova de que o esporte é capaz de trazer a tona diversos assuntos e questionamentos entretidos na prática reflexiva ultrapassando “fronteiras”... O badminton era “visto” por poucos, que tinham conhecimento prévio de sua existência, como esporte de “rico” distante de sua realidade e que meninos e meninas “jamais” poderiam fazer parte de uma mesma equipe esportiva legítima e jogar peteca sempre foi “coisa de menina...”.*

#### Considerações Provisórias:

A introdução do jogo de badminton nas aulas de educação física escolar, na E.M. Harry – Forssell (Itanhaém – SP), encontra-se em fase de ampliação, pois em pouco tempo, apresentou resultados pedagógicos ricos e de relevante importância no desenvolvimento cognitivo, motor e social dos educandos no cenário escolar, uma vez que permite, dentre outras possibilidades, “diálogos” democráticos sobre sua prática dentro e fora da escola desmitificando e *incorporando* determinados significados dentro da perspectiva da cultura corporal de movimento e seus textos produzidos.

Referências bibliográficas:

Betti, Mauro. Educação Física Escolar: ensino e pesquisa – ação. Rio Grande do Sul: Unijuí, 2013.

Betti, Mauro. Educação Física e mídia. São Paulo: Hucitec, 2003.

Brasil. Parâmetros Curriculares Nacionais – Educação Física. Ministério da educação. Brasília:MEC/SEF, 1997, v.07.

Carneiro, M. Alves. LDB fácil. Petrópolis: Vozes, 2011.

Darido, Suraya Cristina. Educação Física na escola: questões e reflexões. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

De Rose Jr. et al. Esporte e Atividade Física na Infância e na Adolescência. São Paulo: Artmed, 2009.

Fonseca,k.; Silva, P.B. Badminton: manual de fundamentos e exercícios. (particular) Paraná, 2009.

Federação Paulista de Badminton disponível em: <http://www.febasp.org.br/index.asp>

Reverdito, S.;Scaglia,A. Pedagogia do Esporte. São Paulo: Phorte, 2010.

Hoffmann, J. Avaliação Mediadora. Porto Alegre: Mediação, 2011.

Neira,M.;Lima,M.;Nunes,M.(orgs.).Educação Física e culturas. São Paulo: FEUSP, 2012.